

# ENTRE ESPÍRITOS E CIENTISTAS: CHARLES RICHEL E A BUSCA PELOS ‘FENÔMENOS INABITUAIS’

Gustavo Ruiz Chiesa

**Resumo:** O objetivo deste ensaio é apresentar algumas das principais ideias e acontecimentos que deram origem à Metapsíquica, tal como formulada por Charles Robert Richet (1850-1935), médico, pesquisador e professor da cátedra de Fisiologia em Sorbonne. Para a constituição dessa nova ciência, uma certa substância desempenhará um papel fundamental, despertando a atenção de inúmeros cientistas interessados em compreender uma série de fenômenos extraordinários que ocorriam ao redor de determinadas pessoas dotadas de habilidades especiais. Ao final do texto pretende-se apontar algumas possíveis aproximações e, também, diferenciações entre as formulações trazidas por Richet e aquelas surgidas em um outro cenário e contexto histórico, algumas décadas mais tarde. Trata-se da Conscienciologia, tal como proposta pelo médico brasileiro Waldo Vieira (1932-2015), também interessado, tal como Richet, em investigar uma série de fenômenos negligenciados pela ciência hegemônica.

**Palavras-Chaves:** Charles Richet; Metapsíquica; Ectoplasma; Conscienciologia Ciência/Espiritualidade.

## INTRODUÇÃO

No presente ensaio pretendo brevemente apresentar algumas das principais ideias e acontecimentos que deram origem à Metapsíquica, tal como formulada pelo médico e fisiologista francês Charles Robert Richet (1850-1935). Convencido da existência de uma série de fenômenos denominados por ele de “inabituais”, Richet elencará em seu extensivo *Traité de Métapsychique* (1922) os elementos definidores de uma nova ciência, interessada justamente na compreensão de certos fatos historicamente negligenciados pela ciência dominante até aquele momento. Conforme veremos, para a constituição dessa nova ciência, uma certa “substância” desempenhará um papel fundamental, despertando a atenção de inúmeros cientistas interessados em compreender uma série de fenômenos extraordinários que ocorriam ao redor de determinadas pessoas dotadas de habilidades especiais. Trata-se do “ectoplasma”, uma curiosa substância supostamente produzida pelos “médiuns de efeitos físicos” ou simplesmente “ectoplastas”. Tornando-se um dos

principais investigadores dessa substância e dos fenômenos que ela produzia, Richet e seus colegas desenvolverão um ambiente de pesquisa, com um rigoroso protocolo de investigação, no intuito de verificar a veracidade de tais fatos e compreender de que maneira eles aconteciam. Afinal, para ele, qualquer objeto, qualquer fenômeno, por mais inverossímil (ou “inabitual”, como prefere Richet) que pareça, mereceria ser cuidadosamente investigado através dos métodos e recursos oferecidos pela ciência, mesmo que tal investigação levasse ao questionamento daquilo que convencionalmente aprendemos a chamar de realidade.

De fato, no decorrer das pesquisas realizadas sobre o ectoplasma e a materialização de seres invisíveis, Richet muitas vezes colocou sob suspeita tudo aquilo que aprendera (e que ensinara) durante os anos que estudou e lecionou Fisiologia em Sorbonne. Nesse processo, a própria ciência passa a ser vista como uma importante aliada na transformação da humanidade ou, mais exatamente, na maneira como esta última percebe o mundo e todos os seus seres. Tal transformação é, também, moral porque altera nossa mentalidade, nossa atitude e nossos valores, acrescenta Richet. Altera, portanto, nossa forma de ver e viver a vida. Esta, à medida que passamos a reconhecer a existência de fenômenos, forças e substâncias até então ignoradas por uma visão de mundo estritamente materialista, assume novos sentidos, mais “espirituais”, “metafísicos” ou “transcendentais”.

Caminhando nessa direção, ao final do texto pretendo apontar algumas possíveis aproximações e, também, diferenciações entre as formulações trazidas por Richet e aquelas surgidas em um outro cenário e contexto histórico, algumas décadas mais tarde. Trata-se da Conscienciologia, tal como proposta pelo médico brasileiro Waldo Vieira (1932-2015), que, sem abrir mão do diálogo com as práticas científicas estabelecidas, resolve criar seu próprio *campus* de pesquisa, localizado na cidade de Foz do Iguaçu, no intuito de investigar, tal como fizera Richet, uma série de fenômenos negados ou “invisibilizados” pela ciência hegemônica. Assuntos relacionados à “projeção astral” ou “experiência fora do corpo”, às “bioenergias”, às “cirurgias invisíveis”, “espirituais” ou “paracirurgias”, às vidas passadas, à “clarividência” e à comunicação entre seres de diferentes dimensões são exemplos dos fenômenos investigados e “experimentados” pelos conscienciólogos em seus laboratórios de pesquisa. De fato, a ideia de *experimentar* esses ou alguns desses fenômenos é um dos aspectos estruturantes dessa epistemologia. Mais do que simplesmente acreditar, é preciso “ter suas próprias experiências”, enfatizam os conscienciólogos. Desse modo, *o sujeito da pesquisa torna-se o seu primeiro e principal objeto de investigação*. Tais experiências vividas subjetivamente serão registradas e comparadas com outras experiências pessoais visando com isso a construção de fatos objetivos a partir da intersubjetividade compartilhada.

Veremos que a ideia de que esses fenômenos ou essas experiências subjetivas devem ser vivenciados no espaço controlado de um laboratório de algum modo retoma as preocupações de Richet em investigar os(as) médiuns responsáveis

pelo processo de materialização a partir de rigorosos protocolos de controle. No entanto, mais do que transformar o “médium” em um objeto passível de investigação, a Conscienciologia concentrará grande parte de sua atenção e interesse nas vivências e percepções pessoais dos próprios pesquisadores, dissolvendo assim a clássica oposição entre sujeito e objeto de investigação.

Nesse mesmo sentido, a suposta contradição entre uma prática científica, de um lado, e uma experiência terapêutica/espiritual, de outro, também será problematizada pela Conscienciologia no momento em que ela procura centralizar na experiência pessoal o “objeto” primordial de suas atenções, compreendendo a “cura” ou, mais exatamente, a “restauração do equilíbrio físico, mental e energético” a partir de experiências que de alguma maneira consigam estimular no sujeito em “desequilíbrio” a construção de um outro olhar, uma outra percepção (saudável) sobre si mesmo e tudo aquilo que o envolve e afeta. Um olhar para aquilo que transcende as explicações meramente físicas ou materiais sobre a saúde e a doença, bem como sobre a própria vida e seus significados possíveis e imaginados.

## O CURIOSO CASO DE MARTHE BERÁUD

Em 1905, Charles Richet e seu amigo, o engenheiro Gabriel Delanne (1857-1926), recebem o convite do general Noël para observarem uma série de estranhos fenômenos que ocorriam em sua residência, especificamente em torno de uma jovem, de nome Marthe Beráud, que vivia em sua casa e seria sua futura nora (algo que, lamentavelmente não se concretizou, pois o tenente Maurice Noël, filho do general e noivo de Marthe, falecera há um ano). Tais experiências aconteciam na parte exterior da casa, em um cômodo, antigo estábulo reformado, situado nos jardins da Villa Carmen (nome dado à propriedade do casal Noël), na cidade de Argel, e eram normalmente presenciadas pelo general e sua esposa, as duas irmãs de Marthe, e Aischa, a empregada da família. Eventualmente, outras pessoas, interessadas nos fenômenos que ali ocorriam, poderiam estar presentes, como, por exemplo, uma cartomante chamada Ninon.

Richet, ao entrar naquele espaço, começa a analisá-lo atentamente, tirando suas medidas, conferindo de quais propriedades eram feitas suas paredes, seu piso e os objetos que haviam nele: um tapete, uma mesa, um aparador, uma velha banheira, algumas cadeiras e uma cortina vermelha dividida ao meio e separando o ambiente em duas partes: um “gabinete” isolado atrás das cortinas e uma área para o público permanecer sentado. As duas janelas permaneciam fechadas e cobertas por cortinas fixadas na parede. No chão não havia nenhuma espécie de alçapão por onde alguém ou alguma coisa pudesse entrar. Também não havia qualquer “falsa porta” nas paredes. O ambiente, iluminado apenas por velas colocadas em luminárias de vidro vermelho, estava, portanto, completamente isolado e ninguém poderia acessá-lo sem passar por sua única porta de entrada. Richet,

dando prosseguimento à sua investigação, também procura conversar com Marthe e descobre que se trata de uma jovem bonita, baixa, morena, delicada, alegre, e que aparentemente não apresenta qualquer distúrbio físico ou mental.

Ao entrarem no ambiente escuro, todos sentam-se em cadeiras dispostas ao redor da mesa e permanecem em silêncio. Marthe, localizada próxima à cortina, também está sentada e concentra-se por cerca de 30 minutos, até se levantar e, sob a companhia de Aischa, caminhar para parte de trás da cortina que será fechada. Mesmo separados pelas cortinas, os convidados ali presentes conseguem ouvir a respiração, cada vez mais ofegante, de Marthe e, pouco tempo depois, percebem a movimentação de algo. “Entreabre-se a cortina. Vê-se surgir, à luz frouxa das lâmpadas vermelhas, uma espécie de fumo que gira, que dá reviravoltas, se enrola sobre si mesmo, salta como uma mola e fixa-se numa forma que se condensa, se engrossa e se materializa” (Lantier, 1971, p. 17). Surge, diante de todos, uma bela mulher, alta, jovem, de cabelos longos e loiros. Era uma princesa, diziam, que se chamava Bergólia, e que pôde permanecer pouco tempo entre os convidados até começar a se “desmaterializar”. Antes disso, porém, ela pede a Richet que corte uma mecha de seus cabelos, como um meio de provar a sua existência. Ele assim o faz e posteriormente confirma, em análise microscópica, que se tratava de cabelos verdadeiros. Bergólia era irmã de Bien-Boa, um sacerdote que teria vivido no século XVII, na cidade de Golconda, região central da Índia, e que afirma ter convivido com a senhora Noël, esposa do general, em uma encarnação passada.

Em diferentes ocasiões, o próprio Bien-Boa se materializará, vestindo trajes peculiares, na presença de Richet, Delanne e de todos que ali se encontravam. Ao descrever e tocar em Bien-Boa, Richet (1906, p. 9) afirma que ele parece apresentar todos os atributos essenciais à vida:

Ele anda, fala, se move, respira como um ser humano. Seu corpo é resistente; há uma certa força muscular. Não é nem um manequim, nem um boneco, nem uma imagem refletida em um espelho: e pode-se deixar resolutamente de lado toda suposição que não seja uma dessas duas hipóteses: ou um fantasma tendo atributos de vida, ou uma pessoa viva desempenhando o papel de fantasma.

Enquanto Delanne observa atentamente pelas cortinas entreabertas Marthe e Aischa, que permanecem sentadas em suas cadeiras, distantes uma da outra, Richet pede a Bien-Boa que expire em um tubo contendo “água de bário”, pois, em contato com o gás carbônico exalado pela respiração humana, tal solução química, originalmente transparente, assumiria uma coloração esbranquiçada. Bien-Boa atende o seu pedido, sopra o líquido contido no interior do tubo que começa a borbulhar e tornar-se completamente branco.

Em uma dessas experiências assistidas, Richet nota a presença de uma luz branca, uma espécie de bola ou mancha luminosa flutuando sobre o chão, próximo

à cortina, apresentando contornos inicialmente imprecisos, mas que em instantes sobe em direção ao teto e forma a figura de Bien-Boa. Este, em seguida, começa a caminhar, ou melhor, a deslizar em frente do público presente, permanecendo em pé por alguns minutos até se esvanecer completamente em direção ao chão. Sobre tal fenômeno, conclui Richet (ibid., p. 10-12):

Parece-me mesmo que essa experiência é decisiva, pois a formação de uma mancha luminosa sobre o chão, a qual se torna em seguida um ser caminhante e vivo, não pode ser, ao que tudo indica, obtida por um truque. Supor que Marthe, deslizando sob a cortina, depois elevando-se, disfarçada de Bien-Boa, pôde dar a aparência de uma mancha branca subindo em linha reta, isso me parece impossível. [...] Eu estava tão certo de que esse corpo vivo não poderia vir da cortina que, a princípio, supus a possibilidade (absurda) de uma armadilha. No dia seguinte a essa experiência de 29 de agosto, eu examinei minuciosamente as peças do piso e o estábulo reformado que está subjacente a essa parte do quiosque. O teto muito alto desse estábulo é rebocado com cal, coberto de teia de aranha e assombrado por aranhas que não eram perturbadas há muito tempo, até que, com a ajuda de uma escada, explorei o teto do estábulo.

A preocupação imediata de Richet era saber se se tratava ou não de uma fraude. Mesmo confiando no caráter de Marthe e atestando suas boas intenções, ele solicita que contrariemos nosso bom senso e coloquemos a jovem sob suspeita, tratando-a hipoteticamente como uma “hábil e pérfida mágica, esperta e habilidosa”.

Se eu insisto na personagem de Marthe é que, para o fato, toda enganação vinda de outras pessoas deve ser descartada. 1º. Não há alçapões no cômodo; 2º. O cômodo é visitado com grande cuidado a cada sessão e ninguém estranho pode se esconder ali; 3º. Nenhuma pessoa pode entrar sem nosso conhecimento; 4º. As pessoas que estão no cômodo, e que podemos ver e ouvir durante todo o tempo das experiências, não podem intervir diretamente pela produção mecânica de fenômenos que se passam atrás da cortina e longe delas; 5º. Aischa, que também pode ser vista muito distintamente em quase todas as experiências, não está em causa, pois ela está sempre longe da forma de Bien-Boa; e, na sequência da maioria das experiências, Bien-Boa se mostra sem que Aischa estivesse, fosse no gabinete, fosse no local (ibid., p. 22).

Desse modo, para que houvesse fraude, seria preciso supor que Marthe, talvez com o auxílio de Aischa, se disfarçasse de Bien-Boa e levasse sob seu vestido:

um capacete, diversos panos, um turbante, uma barba falsa, ornamentos complicados, e que, no pequeno gabinete onde ela se senta ao lado

de Aischa, ela se despe para vestir os panos que ela teria escondidos sob seu vestido, e dispor, sobre a cadeira onde ela estava sentada, um tipo de manequim, com luvas que simulam as mãos; aparelhos (quais?) que simulam seu corpo, seus joelhos, seus braços; é preciso que ela vista esse manequim com seu vestido, sua blusa, que ela coloque acima da máscara (?) que simula seu rosto com uma verossimilhança perfeita, [para em seguida] retomar todos seus objetos, capacete, bigode, panos e manequim, para despir o manequim e escondê-los novamente sob seu vestido, tudo isso na presença e ao lado de Aischa (ibid.).

Richet, sem avisar, abre bruscamente as cortinas, analisa a vestimenta de Marthe e diz ser impossível armazenar em seu interior todos os objetos e trajes necessários a “simulação”, bem como permanecer sentada e, ao mesmo tempo, caminhar fantasiada de Bien-Boa. Afinal, ele “é como um ser vivo, não é nem um manequim, nem uma boneca: é uma pessoa idêntica a uma pessoa viva e, se não é um fantasma, não pode ser outra pessoa senão Marthe” (ibid., p. 23). Além disso, acrescenta Richet: “eu não vejo como seria possível produzir os fenômenos da mancha luminosa, nascendo do chão e dando origem a um ser vivo. Nenhuma agilidade, mesmo a de uma ginasta profissional, pode produzir essa impressão que me chocou como uma prova categórica” (ibid., p 24).

Mesmo assim, Richet reconhece ser ainda incapaz de atestar, de uma maneira científica e definitiva, a autenticidade de todos os fenômenos por ele observados e experimentados. “É demais”, diz ele (ibid., p. 25), “pedir a um fisiologista que aceite assim um fato tão extraordinário e improvável e eu não me renderia tão facilmente, mesmo com a evidência”. Novas experiências seriam necessárias para tentar esclarecer em que consistia, de fato, a “materialização”. Tais esclarecimentos, acrescenta Richet (ibid.), se levados a sério, poderão mudar “completamente nossas ideias sobre a matéria e sobre a vida”.

## CHARLES RICHEL E A “INVENÇÃO” DO ECTOPLASMA

Filho de Alfred Richet, reconhecido cirurgião e professor da *Faculté de Médecine* de Paris, Charles Richet sentia-se atraído tanto pela literatura, quanto pelas ciências, mas resolve seguir a carreira de seu pai, ingressando, no ano de 1869, na mesma faculdade de medicina. Desde o início de suas atividades demonstrou interesse pelas pesquisas e os laboratórios, com ênfase nas investigações sobre a constituição e o funcionamento do corpo humano. Tal interesse fez com que fosse convidado a participar de grupos de pesquisa de diferentes instituições acadêmicas francesas. Também atuou durante alguns anos como interno (residente) nos hospitais parisienses para finalmente assumir, em 1887, a cátedra de Fisiologia em Sorbonne (Universidade de Paris), onde permaneceu até se aposentar, aos 75

anos de idade. Antes disso, após se formar, ele chegou a ministrar aulas e desenvolver investigações em outras instituições como a própria *Faculté de Médecine* e o *Collège de France*.

Em paralelo às atividades e artigos acadêmicos, Richet, às vezes utilizando o pseudônimo de Charles Epheyre, também se aventurou pela literatura, poesia e dramaturgia, chegando a publicar alguns romances, três livros de poesia e uma peça de teatro. Mas é sem dúvida no campo da ciência, especificamente na fisiologia, sua especialidade, que Richet se dedicará com maior empenho e receberá sua maior consagração. Nesta área, ele pode realizar uma série de pesquisas experimentais, em diferentes fases de sua vida, sobre os mais variados temas. No entanto, a pesquisa que lhe tornaria mundialmente reconhecido, rendendo-lhe, inclusive, o Prêmio Nobel de Medicina ou Fisiologia em 1913, foi aquela realizada em torno da “anafilaxia”. Ele inventa essa palavra para designar a grave e rápida reação alérgica, derivada da sensibilidade desenvolvida pelo organismo a uma determinada substância, que leva à diminuição da pressão arterial, ao aumento dos batimentos cardíacos e ao desequilíbrio da circulação sanguínea, podendo levar à constrição nas vias respiratórias, à perda de consciência e, se não for tratada imediatamente, à morte (tratando-se, nesse caso extremo, do “choque anafilático”).

Richet também se interessou por uma série de fenômenos definidos por ele como “inabituais” e acreditava que a própria fisiologia ou então uma nova ciência deveria ser criada para a compreensão de tais “fatos” que se encontram além das dimensões e explicações físicas e psíquicas. Dentre tais fenômenos, aqueles que mais despertaram a sua atenção foram os chamados casos de “telecinesia” (movimentos de objetos sem contato) e “materialização”, ambos estando diretamente ligados à produção de uma certa substância denominada “ectoplasma”.

Nos casos investigados por Richet e tantos outros colegas cientistas, não era um mero acidente, ou algo incomum, que situações “extraordinárias” como as descritas abaixo pudessem acontecer.

Nós estamos, Albert [Schrenck-Notzing] e eu [Richet], sentados junto de Marthe, de tal modo perto que sem me levantar consigo tocar nas mãos de Marthe. A luz (uma lâmpada elétrica coberta por um véu vermelho) é suficientemente forte para iluminar todas as partes brancas (fitas brancas à volta da cabeça) da roupa de Marthe. Passada cerca de meia hora, abro as cortinas e vejo no chão um vago clarão, bastante fraco para que eu duvide da sua realidade. Pouco a pouco, o clarão torna-se cada vez mais forte. Está no chão, como um lenço muito pequeno luminoso. O corpo de Marthe está totalmente imóvel. A mancha luminosa aumenta. Os seus contornos são leitosos, indecisos, nebulosos, mais incertos e mais vaporosos do que um tecido. Aproxima-se da cadeira, cresce, toma a forma de uma espécie de serpente que tende a subir para o braço esquerdo da cadeira de Albert. Os seus contornos tornam-se mais nítidos. É como que uma



massa de tecido meio cheia. De repente, um espetáculo extraordinário. Da massa desprende-se uma ponta que sobe, se recurva e se dirige para o peito de Marthe (cujas mãos continuam agarradas). A ponta continua a avançar, de um modo espantoso, como um animal que orienta pelo bico; e, à medida que avança, sobre a haste rígida, há como que uma tela que se desenrola (uma membrana de asa de morcego) tão delicada e tão transparente que através dela se vê a roupa de Marthe. Distingue-se bem a haste desse véu membranoso que a envolve. Marthe está imóvel e fala com intervalos. Posso aproximar-me, olhar de muito, muito, muito perto, dois ou três centímetros de distância. Vejo como que um tecido inflado, de formas mutáveis, animado por movimentos. Durante cinco a seis minutos, examino-o com cuidado. Vejo prolongamentos, como cornos [chifres] de um caracol, que se levantam à direita e à esquerda: os cornos são como uma gelatina transparente, podem entrar e sair da massa principal mais nitidamente formada (Richet, 1922, p. 657-8).

O termo “ectoplasma” surge exatamente de experiências insólitas como estas, vivenciadas por aqueles que estão, acima de tudo, à procura de “fatos”. E, a partir dos fenômenos produzidos por Marthe e muitas outras “médiuns”, o fisiologista Richet acreditou ter encontrado um “fato” que merecia ser investigado pela ciência, ou mais exatamente, pela fisiologia e psicologia experimental. Sua ideia era que a tal “substância” amorfa, gelatinosa, volátil, expelida pelos corpos das médiuns (daí o seu neologismo: *ecto* ou *ektos* \_ de fora ou que sai de dentro; e *plasma* \_ molde ou substância que molda) teria uma origem puramente orgânica ou fisiológica. Extremamente maleável e sensível ao ambiente (sobretudo, à luminosidade e temperatura excessivas), o ectoplasma exerceria um papel fundamental na constituição dos “fatos espíritos” ou “fenômenos mediúnicos”, especialmente daqueles que envolveriam a materialização de seres e coisas ou efeitos físicos de modo em geral (como, por exemplo, a movimentação de objetos).

Mas o que é o ectoplasma, qual a sua origem e finalidade e por que ele merece ser estudado pela ciência? Para tentar responder essas e outras questões, Richet resolve “seguir-lo” e, com o auxílio de outros investigadores, levá-lo para o laboratório. A primeira dúvida que lhe surge é saber se a tal substância provém de fato do corpo da médium ou se se trata de algo que de alguma forma já se encontra no ambiente e a médium ou mesmo o espírito, na hipótese de sua existência, manipula e utiliza. Assim, um de seus colegas cientistas, o físico inglês *sir* Oliver Lodge (1851-1940) proporá o seguinte experimento a ser realizado com a médium Florence Cook e o espírito Katie King (cf. Palhano Jr., 1996). Enquanto a médium deveria permanecer sentada e isolada num círculo elétrico com sua resistência medida e controlada por um galvanômetro, o espírito, ao se materializar, deveria colocar suas mãos em uma tina de mercúrio, com um corante muito forte. No



momento em que o espírito mergulhou suas mãos na tina, nada aconteceu com a médium. No entanto, quando o espírito desapareceu, se desmaterializou, Lodge e os demais pesquisadores observaram que o corpo da médium ficou repleto de manchas com a mesma coloração do corante, fato que, segundo eles, comprovaria que a substância realmente havia sido emanada e reabsorvida pelo corpo da médium.

Outros cientistas, dentre eles o próprio Richet e seus colegas Albert Schrenck-Notzing (1862-1929) e Juliette Bisson (1861-1956), literalmente recortaram o ectoplasma exsudado pelas médiuns Florence e Marthe, e levaram ao laboratório para ser analisado sob as lentes e a “mediação” de seus microscópios. A partir de tais análises, eles constataram que o ectoplasma seria constituído de tecidos epiteliais, albumina, lipídios, leucócitos, minerais, proteínas, aminoácidos, água e células semelhantes às bacterianas. Um pesquisador chegou, inclusive, a postular a suposta fórmula química da molécula do ectoplasma:  $C_{120} H_{1184} N_{218} S_5 O_{249}$ .

Também foram aventadas algumas hipóteses sobre qual região ou órgão do corpo seria a responsável por sua produção. Uns disseram que o ectoplasma era produzido na região do abdômen, à altura do umbigo, pois eram comuns os relatos, por parte dos(as) médiuns, de dores e desconfortos naquela área, justamente no início das sessões de materialização. Outros pesquisadores, também baseados nos relatos dos médiuns, afirmaram que os pulmões ou os órgãos ligados à respiração deveriam ser os responsáveis por sua produção visto serem recorrentes as queixas de falta de ar, de dificuldade de respirar, de sentir uma pressão no pulmão, uma vontade de tossir e uma sensação de engasgamento ou sufocamento, no momento em que o ectoplasma supostamente começava a ser produzido. Há ainda uma terceira opinião, que se tornou a mais difundida, que associa a produção do ectoplasma aos órgãos reprodutores femininos e masculinos, entendendo-os como uma espécie de “usina geradora” dessa substância que, no entanto, se espalharia para os demais órgãos e tecidos humanos, chegando a ultrapassar os limites da pele. Finalmente, hipóteses mais recentes sugerem que ectoplasma seria um produto ou uma consequência natural do metabolismo celular, estando ligado mais especificamente ao processo de respiração celular realizado pelas mitocôndrias e à produção do ATP (trifosfato de adenosina). Este último, sendo a principal fonte de energia dos processos celulares, exerceria um papel crucial na fabricação do ectoplasma, também entendido como um tipo de energia produzida e liberada pelo organismo (cf. Munari, 2008).

Procurando seguir o ectoplasma, Richet percebe que essa substância, ao sair do corpo do(a) médium, se comporta como uma “massa confusa”, uma nebulosa, sem forma definida, quase imperceptível, aparentando ser bastante frágil e sensível. Ele parece ser uma “mistura” de fluidos, de fios, que aos poucos começam a se organizar e “compor” uma forma específica. Assim, faz mais sentido pensar o ectoplasma no *plural*, ou seja, como muitos *ectoplasmas* que, juntos, se movimentam

e formam uma “coisa” que aparenta estar viva e possuir uma certa autonomia. À medida que se movimentam, seus contornos parecem ficar mais nítidos, suas formas mais visíveis e estáveis. Através dessa substância esbranquiçada eliminada pela boca, nariz, ouvidos, e outras partes do corpo do(a) médium, e que, sob o efeito da gravidade, cai em direção ao chão, membros mais ou menos perfeitos de um corpo humano (mãos, braços, pés, cabeça e etc.) começam progressivamente a se formar. Como se o ectoplasma, à medida que se desenvolvesse e se movimentasse, fosse capaz de envolver algo que já existia naquele ambiente, mas que ainda não era percebido pelos sentidos das pessoas ali presentes. Pouco a pouco, uma nova criatura, de feições, gestos e atitudes aparentemente humanas, “feita” de (ou por meio do) ectoplasma, ganha uma forma e uma vida material.

Um novo ser é “criado” às custas dos elementos materiais contidos em um ser que já existia. Mas isso, de fato, tem um “custo”? William Crawford (1881–1920), professor de engenharia mecânica na *Queen's University* de Belfast, afirma que o(a) médium pode perder de 7 a 18 quilos durante as sessões de materialização de espíritos. Sensações de desconforto e mal-estar também são bastante frequentes especialmente após as intensas e prolongadas sessões mediúnicas. Ao final delas, a conhecida médium Elizabeth d'Espérance dizia sentir-se fraca, cansada, chegando a ficar prostrada na cama por algumas semanas. Florence Cook também teve sua saúde comprometida com as longas sessões, obrigando-a a permanecer em repouso por vários dias (cf. Palhano Jr., 1996). De maneira mais grave, foi observado, nas experiências com d'Espérance, que o retalhamento ou bloqueio do ectoplasma emitido pela médium poderia afetá-la seriamente e prejudicar a sua saúde (cf. Richet, 1922, p. 585). O mesmo se aplica aos casos de desmaterialização parcial do(a) médium onde dolorosas repercussões “físicas” podem ser sentidas no momento em que alguém toca ou passa a mão no lugar onde (o) a médium deveria estar sentado(a), mesmo sem ser percebido(a). Há relatos de que o simples toque no ectoplasma ou no espírito materializado pode gerar queimaduras na pele do(a) médium.

É interessante perceber que, no caso de Richet e de seus colegas contemporâneos, mesmo muitos deles tendo a formação médica, em nenhum momento, ao que tudo indica, foi cogitada a possibilidade de que o ectoplasma pudesse apresentar algum potencial terapêutico e curativo, tal como, por exemplo, seu famoso “ancestral”, o fluido magnético ou “mesmérico” (cf. Chiesa, 2016). Fazendo uso de uma metodologia científica, eles pareciam estar mais interessados em chamar a atenção para a realidade do fenômeno (transformando-o em um “fato científico”) e, sem dúvida, para a possibilidade de estabelecer (e comprovar cientificamente) a comunicação com seres de outras dimensões, do que propriamente em compreender seus possíveis efeitos terapêuticos nos organismos vivos.

O poder do ectoplasma, todavia, nunca foi colocado em questão. A telecinesia, isto é, a movimentação de objetos sem contato físico, os *raps* ou as batidas

nas paredes e nos móveis, a levitação de mesas, a escrita direta, onde textos surgem no papel sem que “ninguém” tivessem escritos, as sensações físicas descritas pelos médiuns, os “toques invisíveis” sentidos pelos pesquisadores e, claro, a materialização ou “semimaterialização” de seres, objetos e plantas (no caso de d’Espérance), seriam “fatos” provocados por essa poderosa substância que, inicialmente invisível ou transparente, sai do corpo do médium e assume as formas mais variadas. O famoso fenômeno da “mesa girante”, por exemplo, seria resultado da condensação e transformação do ectoplasma em uma rígida “alavanca psíquica” (cf. Crawford, 1919) responsável por erguer, girar e movimentar mesas, cadeiras e quaisquer objetos sólidos. Dizendo dessa maneira, nos parece que o ectoplasma, ao sair dos corpos dos médiuns, ganha uma “vida” própria, uma autonomia, uma força de vontade e uma intencionalidade que lhe permite agir sobre o “mundo dos materiais” na medida em que ele próprio torna-se um “material” e passa a fazer parte *desse* mundo.

No entanto, o ectoplasma é só um “instrumento”, um “recurso”, um “material” utilizado por seres que também querem interagir ou, quem sabe, viver *nesse* mundo. Os “espíritos desencarnados”, por inúmeras razões (saudades, auxílios, consolos, provas de sobrevivência...), desejam estabelecer comunicação com os seres que aqui “deixaram”, ou seja, nós, “espíritos encarnados”. Os meios mais comuns para esse contato são as intuições, os sonhos, as clarividências e, principalmente, as psicografias (quando os espíritos utilizam o corpo, ou mais exatamente, o braço e a mão dos médiuns para enviar uma carta, uma mensagem, aos que se encontram nessa dimensão). Outros meios, bem menos comuns e, provavelmente, muito mais impactantes, são aqueles que envolvem alguma forma de *agência* ou de interferência sobre o plano físico, seja pela movimentação de objetos, seja pela própria *presença* do espírito em pessoa, ou melhor, *em matéria*. E a sua agência ou presença depende quase exclusivamente do ectoplasma produzido pelos médiuns para se tornar efetiva. Digo *quase* porque, conforme já falamos, o ectoplasma não é *uma*, mas *várias* substâncias; é uma mistura de fluidos que estão nos corpos e no ambiente; é um “emaranhado de coisas”, uma reunião de “aconteceres”, onde, sem dúvida, o médium é a peça fundamental, mas não a única. Afinal, os fluidos encontrados no ambiente (o que inclui os emanados pelos próprios pesquisadores convidados) se juntam ao fluido eliminado pela médium formando uma espécie de “massa fluídica” utilizada e organizada pelo espírito para moldar seu próprio corpo “físico”, mover determinado objeto, ou ainda, tocar (e ser sentido por) alguém. Tais fenômenos ocorrem apenas na presença dos “médiuns ectoplastas”, ou seja, de pessoas capazes de fornecer ectoplasma em uma quantidade necessária à sua materialização e utilização pelos espíritos. Subentende-se, a partir disso, que os espíritos não conseguem produzi-lo, sendo tal substância uma curiosa propriedade dos organismos vivos responsável justamente por realizar essa mediação entre seres e dimensões materiais e imateriais.

## METAPSÍQUICA: A CIÊNCIA DOS “FATOS INABITUAIS”

Convencido sobre a existência dos fenômenos relatados, Richet, ainda no ano de 1891, resolve criar os *Annales des Sciences Psychiques*, revista que se tornaria um dos principais veículos de divulgação das pesquisas sobre os fenômenos mediúnicos. O periódico, no entanto, será interrompido durante a Primeira Guerra Mundial, e retornará, sob um novo nome – *Revue Métapsychique* – a partir de 1920. Com o surgimento dessa revista, mas, principalmente, com a publicação, em 1922, do *Traité de Métapsychique*, Charles Richet se tornará o principal divulgador da nova “ciência” Metapsíquica. Inspirado na metafísica de Aristóteles, o fisiologista francês sugere que o objetivo da Metapsíquica é compreender não só aquilo que se encontra *além* das coisas físicas, ou “além do que se vê”, mas também, e fundamentalmente, os fatos produzidos por “forças inteligentes” desconhecidas, sejam elas de origem humana ou não-humana, que ultrapassam os limites “normais” ou “habituais” definidos pela psicologia. Nesse sentido, ele afirma que a Metapsíquica é a única ciência dedicada ao estudo dessas “forças inteligentes” visto que, até o presente momento,

todas as outras forças que os sábios estudaram e analisaram sob o ponto de vista de suas causas e de seus efeitos, são forças cegas, que não têm consciência de si mesmas, são desprovidas não só de capricho mas também de personalidade e vontade. O cloro combina-se com o sódio sem que possamos suspeitar da menor parcela de intelectualidade no cloro e no sódio. O mercúrio dilata-se pelo calor à nossa revelia e sem que o possamos impedir. O sol projeta os seus raios calóricos, elétricos e luminosos nos espaços, sem nenhuma intenção voluntária, sem fantasia, sem escolha, sem personalidade pensante (Richet, 1922, p. 3).

Ao contrário, as “forças” que interessam à Metapsíquica parecem ser dotadas de “intelectualidades, vontades, intenções, que talvez não sejam humanas, mas que, em todo o caso, se assemelham às vontades e intenções humanas” (ibid.).

Tais “forças”, ou melhor, “fatos” serão catalogados e apresentados, em seus pormenores, no tratado de 793 páginas escrito por Charles Richet. A tarefa, reconhece, é bastante pesada. Afinal, o que está em jogo é a descrição de fenômenos pouco habituais que são, em sua maioria, rejeitados de antemão, sem o exame prévio da ciência ou do público em geral. Não obstante, os fatos teimam em existir: “são numerosos, autênticos, brilhantes. Serão encontrados, no decurso desta obra, exemplos tão abundantes, tão precisos, tão demonstrativos, que não vejo como um sábio de boa-fé, consentindo ao seu exame, possa ousar colocá-los em dúvida” (ibid., p. I). O tratado será dividido em três grandes tomos ou volumes,

onde o primeiro, menor que os subsequentes, consistirá numa introdução dedicada a apresentar a Metapsíquica de uma maneira geral, com ênfase na sua genealogia histórica, e o segundo e o terceiro abordarão, respectivamente, o que Richet chamou de “Metapsíquica subjetiva” e “Metapsíquica objetiva”, cada uma delas agrupando um conjunto de fenômenos inteiramente distintos.

A Metapsíquica subjetiva se ocupa dos chamados fenômenos de ordem mental, intelectual ou psicológica, que não provocam qualquer intervenção ou alteração nas leis físicas, químicas ou mecânicas que regulam o mundo material. Tudo se passa, diz ele (ibid., p. 3), “como se tivéssemos uma faculdade misteriosa de conhecimento, uma *lucidez* que a nossa clássica fisiologia das sensações ainda não pode explicar. Proponho chamar *criptestesia*, uma sensibilidade cuja natureza nos escapa, a essa nova faculdade”. A leitura de uma carta fechada em um envelope opaco, por exemplo, corresponderia a um dos possíveis fenômenos estudados por esse ramo da Metapsíquica, posto que ultrapassa (ou está *além*) das faculdades sensoriais “normais” de conhecimento. Por sua vez, a Metapsíquica objetiva analisa certos fenômenos materiais ou exteriores inexplicáveis pelas “ciências habituais”, que aparentam um caráter inteligente e são perfeitamente tangíveis e acessíveis aos nossos sentidos. Movimentos sem contato de objetos, luzes, pancadas nas mesas, formas materializadas de aparência viva e percebidas por diversas pessoas, ruídos violentos, ouvidos a distância, são exemplos dos fenômenos estudados. Segundo Richet, o limite entre essas duas especialidades, em alguns casos, pode não ser perfeitamente claro, apresentando uma simultaneidade de fenômenos (quando, por exemplo, apenas uma pessoa, de início, consegue *subjetivamente* ver um espírito e este, em seguida, se materializa e torna-se uma realidade *objetiva* para todos), mas em inúmeros outros ele é bem definido. Assim,

em Paris, no dia 11 de junho de 1904, o assassinato da rainha Draga [da Sérvia] foi prontamente indicado, quando ocorreu, e o médium, que o revelou, não tinha nenhum conhecimento racional possível do crime, ocorrido em Belgrado, precisamente no minuto indicado em Paris. Eis um fato de Metapsíquica subjetiva.

Eusapia Palladino colocou suas mãos cinquenta centímetros acima de uma pesada mesa: tinham-se imobilizado as mãos, os pés, os joelhos, o tronco, a cabeça, a boca e mesmo assim a mesa, sem contato, se levantou quatro pés. Fato de Metapsíquica objetiva. (ibid., p. 4).

A frequência dos fenômenos subjetivos, diz ele (ibid.), é bem maior que a dos objetivos, isso porque os médiuns dotados dessa capacidade objetiva são dificilmente encontrados. Quase a totalidade desses fatos subjetivos correspondem ao que Richet denominou “criptestesia”. De origem grega, a palavra *kryptós* significa “escondido, oculto, secreto” e, nesse caso, “indica que há uma sensibilidade oculta, uma percepção das coisas, desconhecida quanto ao mecanismo, cujos efeitos não sabemos” (ibid., p. 74). Trata-se de uma faculdade especial, “misteriosa”

– de algum modo semelhante à “clarividência” apresentada pelos espíritas, à “lucidez sonambúlica” demonstrada pelos magnetizadores (cf. Chiesa, 2016), ou à “telepatia” sugerida pelo pesquisador britânico, cofundador da *Society for Psychical Research*, Frederic Myers (1843-1901) –, uma sensibilidade que permite conhecer ou “captar” certas informações ou fatos, passados, presentes e futuros, que os sentidos “normais” não são capazes de revelar (ibid.). Vejamos um dos inúmeros exemplos apresentados por Richet:

“A” vê numa noite durante o sono aparecer-lhe “B”, seu amigo, pálido como um cadáver. “A” escreve o nome de “B” no seu caderno, com as seguintes palavras: *God forbid*. Ora, nesse mesmo momento, “B”, que está no outro lado do hemisfério, parece num acidente de caça. Então, duas hipóteses se apresentam. Ou é a noção do fenômeno exterior que foi percebido por “A” (a saber, que “B” morre de um acidente) ou é o pensamento de “B” que, morrendo, atravessa o espaço e vai impressionar o espírito de “A”. Não ousa definitivamente tomar partido por uma ou outra dessas hipóteses, pois elas me parecem ser igualmente misteriosas, supondo, no ser humano, uma faculdade de conhecimento que não entra na ordem de seus processos de conhecimento habituais. [...] Assim falando, não se faz hipótese. Não se supõe que o conhecimento criptestésico é devido à vibração de um pensamento humano; contenta-se com o enunciar um fato. Ora, é mais científico enunciar um fato sem comentários do que se submeter a teorias que, como a telepatia, são absolutamente indemonstráveis. (ibid., p. 80).

Richet não descarta a possibilidade de que o fenômeno da telepatia possa existir. No entanto, ele o considera um caso particular de lucidez, cuja hipótese não se sustenta em todas as situações e é incapaz de ser demonstrada pelos métodos e recursos fornecidos pela ciência. Afirmar que o sujeito “A” possui uma “sensibilidade especial” que o torna capaz de saber da morte de “B” não consiste numa hipótese mas sim, diz Richet (ibid., p. 81), num “fato”. Ao contrário, sugerir que o pensamento de “B” transmitiu-se ao pensamento de “A” ou que este acessou o pensamento daquele, isto sim é uma hipótese da qual não se há qualquer certeza sobre a sua veracidade (ibid.). Assim, acrescenta (Richet *apud* Magalhães, 2007, p. 256), a criptestesia é um fato indiscutível e tão certo “como a parada do coração pelo pneumogástrico, como a convulsão dos músculos pela estricnina, como a absorção do oxigênio pelo sangue, como a presença de azoto na atmosfera. Duvidar de sua existência seria como ter a audácia de dizer: ‘não creio no método experimental’”.

Apesar de procurar sempre se ater ao domínio dos “fatos” e das experiências, Richet também tentou elaborar uma hipótese teórica, condizente com as explicações científicas dominantes da época, que pudesse esclarecer o fenômeno em



questão. Em conferência realizada na Faculdade de Medicina de Paris, em 1925, ocasião em que se despedia de suas atividades docentes em Sorbonne, ele desenvolve a seguinte ideia:

Há em torno de nós vibrações do éter que não percebemos. Mas não deixam de existir por isso. Nesta sala em que falo, nenhum concerto se faz ouvir, e sérieis tentados a dizer que aqui não há música. Esperai. Colocai um receptor de T.S.F. nesta mesa com um alto falante e todos vós ouvireis o concerto que se está realizando neste momento na Torre Eiffel. Basta para ouvi-lo que haja um receptor. Por consequência, é possível que das coisas que estão em torno de nós, ainda que minúsculas, sejam emitidas vibrações. Essas vibrações, não as percebemos, porque não somos sensitivos nem médiuns. Mas, desde que um indivíduo dotado dessa sensibilidade particular, que chamo criptestesia, (misteriosa e incompreendida) esteja presente, perceberá essas vibrações, ainda que elas sejam nulas para o comum dos homens. Bastar-me-á, pois, fazer estas duas suposições, ousadas, talvez, mas que a experiência rigorosa torna quase necessárias: 1º – que as coisas e os movimentos provocam certas vibrações; 2º – essas vibrações podem ser percebidas por seres especialmente sensíveis. Assim, posto que grande quantidade de fatos novos fique ainda difícil de estabelecer, teremos dado um caráter científico ao fenômeno em aparência, maravilhoso, da criptestesia (ibid.).

Em resumo, pode-se dizer que são três os fenômenos fundamentais que constituem a essa nova “ciência” apresentada por Richet: 1) *Criptestesia*, a faculdade de conhecimento diferente das faculdades sensoriais normais de conhecimento; 2) *Telecinesia*, ou seja, uma ação mecânica distinta das forças mecânicas conhecidas, a qual, em determinadas condições, atua, à distância e sem contato, sobre objetos e pessoas; 3) *Ectoplasmia*, isto é, a formação de coisas materiais diversas, as quais parecem sair do corpo humano e tomam a aparência de uma realidade física exterior (ex. objetos, vestimentas, véus, corpos ou partes deles). De que maneira esses fenômenos “inabituais” devem ser estudados pela Metapsíquica? Com o mesmo rigor e da mesma forma que as demais ciências estudam os fenômenos “habituais”, ou seja, através da observação e da experimentação. Inspirado em seu mestre Claude Bernard, Richet acredita que a Metapsíquica seja uma ciência tão experimental como o são a química ou a fisiologia. Seus métodos são semelhantes (“balanças, fotografias, gráficos...”), o seu rigor também deve ser o mesmo, mas o que realmente as diferem são os objetos de análise. O químico ou o fisiologista trabalham com materiais facilmente encontráveis, ao passo que o metapsiquista, para realizar uma experiência, precisa necessariamente de um médium: “sujeito raro, frágil, eminentemente fantasista, que é preciso saber manejar com uma *finesse* diplomática sempre desperta” (ibid., p. 12).



Em 1919, um grupo de cientistas franceses interessados em estudar esses fenômenos “inabituais” resolve criar o *Institut Métapsychique International* (IMI). Fundado por iniciativa dos médicos Rocco Santoliquido (1854-1930) e Gustave Geley (1868-1924), sob o apoio financeiro do rico industrial espírita Jean Meyer (1855-1931), o IMI surge com a ambição de ser uma referência internacional nas pesquisas sobre os fenômenos psíquicos, integrando, num mesmo ambiente, um laboratório bem equipado, uma biblioteca aberta ao público, com documentos e informações sobre as principais “experiências Metapsíquicas” realizadas em todo o mundo, uma revista – a *Revue Métapsychique* – de divulgação das pesquisas e das atividades do instituto e, finalmente, uma sala de conferências e de ensino da Metapsíquica, voltado para o público em geral, mas especialmente para os médiuns (cf. Lachapelle, 2005). Desde o seu surgimento, o IMI contou com o entusiasmo e a ativa colaboração de Richet que, após a morte de Santoliquido, assumirá em seu lugar a presidência da instituição. Geley, por sua vez, era o diretor responsável pela condução das pesquisas, definindo, a partir de seus próprios interesses, aquilo que seria objeto de investigação do instituto. Acompanhando inúmeros experimentos com a médium Marthe Beráud e também com outros três médiuns de origem polonesa, Geley elege o ectoplasma como um dos elementos centrais das investigações e experiências Metapsíquicas, as quais serão publicadas em seu último livro intitulado *L'ectoplasmie et la clairvoyance* (Geley, 1924). Nele, o autor chama a atenção para a fragilidade e a dificuldade de produzir (e reproduzir) fenômenos mediúnicos como os da ectoplasmia (isto é, a materialização do ectoplasma emanado pelo médium). Para ocorrerem, uma série de condições e variáveis devem ser levadas em conta: um ambiente com pouca luminosidade (caso contrário, o médium pode ter seu “transe” perturbado, interrompendo o processo da materialização); um médium que confie no observador e que apresente um bom estado de saúde e humor; e, acima de tudo, uma “atmosfera amigável”, um “clima” que favoreça e potencialize as capacidades mediúnicas da pessoa a ser observada (cf. Lachapelle, 2005, p. 8). Geley reconhece, desse modo, a influência que as demais pessoas e o ambiente exercem sobre o médium, deixando claro que o público presente e os pesquisadores também “afetam” (e são afetados), ou seja, fazem parte ativa do experimento.

Os integrantes do *Institut Métapsychique International* vivenciaram verdadeiros dilemas no que diz respeito à conquista de apoio financeiro para dar prosseguimento às suas pesquisas sobre os fenômenos mediúnicos. Tais pesquisadores tiveram que enfrentar o fato de que a maior parte do público interessado em suas atividades, e disposto a bancá-las, não era formada por cientistas, mas sim por espíritas ou espiritualistas preocupados em comprovar “cientificamente” as suas próprias crenças (inclusive, alguns dos integrantes do IMI como, por exemplo, Meyer, Geley, Flammarion e Delanne, eram assumidamente espíritas ou simpatizantes da doutrina). Assim, de maneira paradoxal, o desejo de tornar a Metapsíquica uma ciência “oficial” dependia em grande medida das motivações religiosas

daqueles que ajudavam financeiramente aquela instituição, o que, por sua vez, era logicamente mal compreendido pelas ciências “estabelecidas”, que rejeitaram e condenaram essas “outras ciências” à eterna “marginalidade” em relação ao “mundo científico”. Em função disso, os próprios membros e pesquisadores do IMI (e o mesmo se aplica a instituições semelhantes) apresentavam uma atitude ambivalente em relação à “ciência oficial”. Por um lado, exaltavam a racionalidade e o método científico afirmando ser exatamente esse o caminho seguido pela Metapsíquica. Por outro, questionavam a dificuldade da comunidade científica em aceitar e reconhecer o enorme potencial das experiências Metapsíquicas no sentido de ampliar o entendimento sobre o ser humano. Os metapsiquistas, acrescenta Lachapelle (2005, p. 12), ao mesmo tempo em que se sentiam perseguidos e ridicularizados pela ciência acadêmica, se percebiam como defensores de uma “causa heroica”, verdadeiros “mártires da ciência”, cuja compreensão estaria reservada apenas às futuras gerações. Como bons *outsiders*, os metapsiquistas almejavam que suas pesquisas fossem um dia aceitas e reconhecidas pelo *establishment*, mas também não queriam perder o controle sobre a explicação dos fenômenos observados, nem o *status* de “vítimas e rebeldes” (ibid., p. 22).

Os “estabelecidos” (no caso, um grupo de cientistas de Sorbonne), entretanto, deram uma oportunidade para que os metapsiquistas (aqui representados pela pesquisadora Juliette Bisson) comprovassem “cientificamente” (leia-se: segundo os termos e as definições da ciência estabelecida) a existência do ectoplasma. Assim, a médium Marthe Beráud foi convidada a demonstrar os seus fenômenos mediúnicos aos cientistas do laboratório de fisiologia dirigido por Henri Piéron (1881-1964), em Sorbonne. Marthe, a princípio receosa, aceitou o convite, mas solicitou que o ambiente fosse preparado de acordo com as suas necessidades, ou melhor, com as necessidades do ectoplasma. Desse modo, o espaço laboratorial teve a sua luminosidade reduzida (visto que o fenômeno é extremamente sensível à claridade) e foi dividido, através de uma cortina, em duas salas: uma menor, ainda mais escura, onde ficaria a médium e outra maior onde permaneceriam os cientistas. O protocolo utilizado foi igual ao costumeiramente empregado pelos metapsiquistas: despiram a médium, examinaram todo o seu corpo (em especial a boca, o nariz e o cabelo), vestiram nela uma roupa especial, toda fechada, deixando apenas a cabeça, as mãos e os pés descobertos e, por fim, amarraram-na em uma cadeira localizada atrás da cortina, de um modo que suas mãos e seus pés continuassem visíveis por todos os presentes. Após 15 sessões ao longo de quatro meses, os cientistas afirmaram que não encontraram nada semelhante ao ectoplasma descrito pelos metapsiquistas. Apenas em duas sessões puderam observar a presença de uma substância muito pequena, de coloração acinzentada, próxima à boca da médium (parecendo, inclusive, ter sido produzida por sua própria saliva ou expelida por vômito), e que não apresentava qualquer sinal de mobilidade. Diante disso, concluíram os cientistas, não haveria evidências suficientes que possibilitassem assegurar a existência do ectoplasma (ibid., p. 16). Bisson, que na

ocasião acompanhava Beráud, questionou não apenas a falta de paciência e disposição dos cientistas, que faziam muito barulho durante as sessões, dificultando a concentração da médium, mas também a ausência de exames clínicos (por exemplo, uma análise estomacal) para tentar descobrir alguma informação sobre a substância expelida por Marthe. O ponto central da crítica residiu, no entanto, nas condições em que o fenômeno fora observado.

Trata-se de um fenômeno difícil de ser analisado e explicado pelos parâmetros científicos correntes dada a complexidade para reproduzi-lo a qualquer momento e circunstância. O que torna frágeis essas demonstrações experimentais, diz Richet (*apud* Magalhães, 2007, p. 277), “não é que elas sejam más, é que elas não são repetidas”. De fato, o ectoplasma não pode ser reproduzido, mas sim “capturado” e essa captura depende de certas condições para que possa ser bem-sucedida. Geley, por exemplo, afirmou que o maior problema das sessões que ocorreram em Sorbonne foi a “atmosfera antipática” encontrada no laboratório que impedia ou dificultava a produção do fenômeno (*ibid.*, p. 17). Além disso, se seguindo o mesmo protocolo, com o mesmo controle, o ectoplasma pôde ser perfeitamente observado pelos metapsiquistas. Isso implicaria, no mínimo, no reconhecimento e na validação, por parte dos cientistas acadêmicos, dos resultados já obtidos no laboratório do IMI, porque lá, ao contrário de Sorbonne, o “clima” estava perfeitamente favorável à produção e à captura de ectoplasmas. Tais argumentos, no entanto, não foram sequer levados em consideração pelos cientistas, pois não conseguiam perceber de que maneira eles próprios (ou o ambiente) poderiam afetar a produção de um fenômeno que supostamente se passava no (ou através do) corpo de Marthe. Assim, podemos sugerir a ideia de uma “incompatibilidade epistemológica” (*cf.* Neubern, 2008) para compreender que a controvérsia em torno da existência ou não do ectoplasma não seria fruto (apenas) de um impasse sobre os métodos ou protocolos a serem seguidos, mas sim decorrente de *modos distintos de conhecer e de se relacionar com o ambiente* e tudo aquilo que o envolve. São diferentes visões de mundo que implicam necessariamente, ainda que os métodos e os objetos possam ser os mesmos, em diferentes formas (e “condições”) de *se fazer ciência*. Era esse o entendimento dos metapsiquistas, era esse o reconhecimento que buscavam, ou seja, a aprovação da ciência “oficial”, mas não a partir dos termos dela ou da apropriação e interpretação que ela faz sobre os fenômenos mediúnicos. O desejo era que as suas próprias abordagens e explicações fossem estudadas e levadas a sério. E foi justamente essa atitude ou esse desejo que acabou impedindo os metapsiquistas de ganharem o tão sonhado rótulo de “científico” (*ibid.*, p. 17). Tal impedimento ou negação seria, na visão de Richet, prejudicial à própria ciência,

demasiadamente jovem para que lhe assista o direito de ser absoluta em suas negações; é absurdo dizer-se: *Não iremos mais além. Eis os*

*fatos que o homem jamais conseguirá explicar; eis os fenômenos absurdos, de vez que ultrapassam os limites do conhecimento humano. Falar assim é limitar a ciência ao pequeno número das leis já estabelecidas e dos fatos já conhecidos; e condenarmo-nos à inação, é negar o progresso, é impedir o avanço a uma destas descobertas fundamentais que, abrindo um caminho desconhecido, criam um mundo novo; é substituir o progresso pela rotina (Richet *apud* Magalhães, 2007, p. 270).*

O medo do que é novo, a *neofobia*, é, para ele, um dos piores sentimentos que um cientista pode ter. Cair na rotina, isto é, não se permitir trilhar um caminho diferente daquele que já fora trilhado, implica no grave erro de tratar uma ideia nova ou “inabitual” como algo anticientífico. São ideias e fenômenos difíceis de serem percebidos e entendidos pois a nossa atenção não se encontra normalmente voltada para eles – estamos “desacostumados” ou “inabitados” com o mundo do “desacostumado” e “inabitual” –, bem como “não desejamos ser perturbados, em nossa preguiçosa quietude, por uma revolução científica que venha alterar as ideias banais e os dados oficiais” (ibid., p. 271). Mas, afinal, “porque não olhar como extremamente importante para aquilo que pode lançar luz brilhante sobre a inteligência humana, este mistério dos mistérios?” (ibid., p. 281). Quem sabe isso não transformará a nossa existência, a nossa concepção de vida e até as nossas ideias sobre a sociedade humana? “Tudo é possível”, garante Richet (ibid., p. 285). Mesmo sem que quase nada saibamos do universo e de tudo aquilo que vibra ao redor de nós, podemos supor a existência

[de] outras forças que agora chamamos ocultas, que não atingem os sentidos (e portanto a consciência) dos indivíduos em geral, mas que atingem, mercê duma sensibilidade especial, a consciência de certos indivíduos aos quais chamamos médiuns. Essas forças desconhecidas, misteriosas, apesar da sua natureza oculta e do seu mistério, não são menos reais (ibid., p. 290).

Silêncio, zombaria e desprezo. Esses são os modos mais eficazes que os “neofóbicos” encontram para negar um pensamento novo, incomum. Paciência, disposição e coragem. Esses são os valores indispensáveis para aqueles que se aventuram no terreno dos “fatos inabituais”, despojados da certeza de que um dia chegarão a algum “lugar” definitivo. No entanto, diz Richet (ibid., p. 336), “é necessário procurar, e o prazer dessa investigação ocasiona alguma felicidade à vida”. Trata-se de uma caminhada que, como já dissemos, não estará livre de questionamentos ou perseguições.

Dirão que não somos absolutamente perseguidos, que podemos expor livremente as nossas ideias em livros, jornais, conferências, que os fatos ocultos que constituem a nova ciência são publicados em

inúmeras revistas especializadas, sem que os magistrados lhes proibam a venda. [...] Seja! Não há mais autos-de-fé como outrora na Espanha para os judeus. Não há exílio, como no século XVII para os calvinistas da França e os papistas da Inglaterra. A perseguição, porém, toma aspectos diversos. As formas violentas desapareceram. *As fogueiras foram substituídas pela severa ortodoxia das ciências oficiais, das academias, das universidades.* [...] Não há mais contra nós os Torquemadas, os dragões de Villars, os janízaros. Contentam-se com a indiferença e com a zombaria. Ignoram-nos ou dão de ombros (ibid., p. 328; grifos meus).

No final de sua vida, Richet, já aposentado de suas funções acadêmicas, afirmará em sua última obra (*Au secours*) que, dentre todas as ciências, a Metapsíquica possui um “caráter superior” em relação às demais. Para ele, os avanços e as descobertas das ciências “oficiais”, por maiores que sejam (e por mais que proporcionem uma melhora em nossas condições de vida), não alteram a nossa mentalidade ou os nossos valores, não modificam a nossa concepção em relação à família, à pátria e à humanidade, em suma, não produzem uma transformação moral. Historicamente, diz ele (ibid., p. 332), tal mudança de atitude e comportamento esteve sempre ligada às religiões, mas, nesse momento, nem elas seriam capazes de realizar essa transformação. A humanidade necessita, portanto, não só de uma “nova ciência”, mas também de uma “nova religião”.

Essa nova religião que pressinto nos sonhos vaporosos de minha imaginação, não será pregada por um Moisés, um Cristo, um Buda, um Maomé. Não terá messias nem profetas, mas ao contrário das demais religiões, suas bases serão científicas. O inabitual e o imprevisito serão admitidos pela ciência. [...] Um novo ideal moral será a consequência, e não o princípio dessa nova ciência (ibid., p. 334).

Ciência de consequências morais, filosóficas e religiosas. Era assim que Charles Richet passou a compreender a sua Metapsíquica. Aproximando “fatos” (científicos) e “valores” (morais), ele tentou seguir os fenômenos “ocultos”, “mediúnicos” ou “inabituais”, procurando *improvisar caminhos* distintos aos habitualmente percorridos pela ciência (e, também, pela religião) “convencional”. Ao seguir por esse caminho – um caminho do *meio*, das *misturas* e das *margens* –, Richet acabou criando algo “novo” ou, ao menos, “inabitual”; algo que serviria de estímulo ou até inspiração para quem desejasse imaginar rotas alternativas àquelas convencionalmente oferecidas pelo *mainstream* acadêmico e científico.

## PASSOS EM DIREÇÃO A UMA “NEOCIÊNCIA”

Assim, ao se interessar por certos “objetos” difíceis de serem “domesticados” ou enquadrados nos esquemas classificatórios preexistentes e, ao mesmo

tempo, por ter ousado trilhar um caminho distinto (ou “inabitual”) daquele estabelecido no meio acadêmico e científico ortodoxo, Richet teve sua voz silenciada e sua proposta científica condenada à invisibilidade. De fato, a Metapsíquica só será verdadeiramente reanimada algumas décadas mais tarde por meio da curiosidade e da criatividade típicas de alguém que também habita as “margens” da ciência. Trata-se do médico Waldo Vieira, proponente da Conscienciologia ou “ciência da consciência”. Nela, o “sujeito” da pesquisa torna-se o primeiro e principal “objeto” investigado. A ideia-chave é “ter suas próprias experiências”; experiências estas que estão além (*meta*) ou ao lado (*para*) dos sentidos físicos “normais” na medida em que envolvem a percepção ou a atenção a aspectos ou dimensões da realidade não percebidas normalmente. O desenvolvimento dessa percepção especial (“parapercepção”), ou a educação dessa atenção, proporcionaria uma vivência e um entendimento do mundo “visível” e “invisível” não mais em termos discretos ou dicotômicos, e sim de uma maneira contínua ou cromática, fazendo com que todas as dimensões componham uma única realidade “multidimensional”. Com a “visão” mais apurada, afirmam os conscienciólogos, nós seremos capazes de participar do mundo de uma maneira mais “atenta” e “saudável”, pois estaremos mais receptivos e perceptivos às trocas e aos fluidos invisíveis que nos afetam, nos conectam e que constituem o ambiente e todos os seus habitantes. Desse modo, o mundo e suas forças invisíveis se tornarão cada vez mais visíveis e acessíveis àqueles que conseguirem transformar suas percepções do ambiente e da própria vida. Uma percepção, centrada num princípio “cosmoético” (Vieira, 2008[1986]), mais atenta às *relações* e *continuidades* entre todos os seres (humanos e não-humanos) do que aos atributos “egóicos” (ou “egocêntricos”) de cada indivíduo.

Esse outro olhar fundamenta-se, portanto, no assim chamado “princípio da descrença”, normalmente expresso através da seguinte sentença: “*Não acredite em nada. Nem mesmo no que lhe disserem aqui. Experimente. Tenha suas experiências pessoais*”. Tal frase está presente em todos os ambientes da Conscienciologia, sendo constantemente lembrada nos eventos, cursos, oficinas, dinâmicas e demais atividades organizadas pelos conscienciólogos. Curiosamente, uma expressão de algum modo semelhante foi criada e utilizada pelos metapsiquistas ligados ao IMI: “O ‘paranormal’, nós não cremos; nós o estudamos” (ou, no original, “*Le ‘paranormal’, nous n’y croyons pas; nous l’étudions*”), o que parece fortalecer certos argumentos sociológicos que afirmam que essa ênfase no empirismo e na experimentação, no estudo e na pesquisa, em detrimento das crenças e orientações doutrinárias, seria algo característico das chamadas “paraciências” (cf. D’Andrea, 2000). No entanto, ao analisarmos essas duas afirmações, torna-se evidente que a ideia de *autoexperimentação* é um dos elementos que distingue a Conscienciologia da Metapsíquica.



O propósito do “princípio da descrença” é substituir a crença pelo conhecimento advindo da razão e da experiência vivida, submetendo qualquer ideia, por mais lógica e coerente que possa parecer, à análise crítica, desapassionada e racional. “Tudo deve ser constatado, visto e experimentado, até ser aceito” (ibid. p. 166). Mais do que acreditar, é preciso *vivenciar e perceber* a “realidade extrafísica”. Tal vivência pessoal, afirmam os conscienciólogos, será, por si só, autoperuasiva e esclarecedora. Assim, na Conscienciologia, o pesquisador é o “cientista” e, ao mesmo tempo, seu próprio “objeto” de estudo. A vivência e a percepção dessa realidade mais ampla, que vai além dos sentidos físicos, tem como efeito (terapêutico) imediato uma transformação no modo como sentimos e compreendemos nós mesmos e tudo aquilo que nos envolve. Nisso consistirá o próprio entendimento de saúde (e cura) idealizado pela Conscienciologia, pois o que está em jogo é a ideia de que ser saudável implica em perceber o ambiente de outra maneira, com um novo corpo e novos sentimentos. Envolve, portanto, uma constante revisão de nossos hábitos, pensamentos, sentimentos e energias<sup>1</sup> e das maneiras como interagimos com tudo aquilo que nos cerca, levando em conta todos os seres, humanos e não-humanos, e todas as dimensões, intrafísica e extrafísica. Assim, o par saúde-doença será entendido como um processo de transformação do ser (onde novos modos de ser/estar e sentir estão em jogo), do ambiente (novos seres e novas dimensões entram em cena) e da percepção que esse ser tem do ambiente (percebe-se o mundo de outra forma, com outros olhos, outras lentes). A saúde e a doença são também entendidos como processos de aprendizado evolutivo, ou, dito de outra forma, de *educação da atenção* (Ingold, 2010).

Um dos elementos definidores dessa cosmovisão, como já dissemos, é a ideia de autoexperimentação. O pesquisador interessado em investigar as repercussões vivenciadas nas atividades, oficinas, laboratórios e dinâmicas desenvolvidas pelos conscienciólogos poderá, por meio da *autopesquisa* e da *autoexperimentação*, abrir mão da figura do(a) médium – que, como sabemos, era o(a) personagem central das pesquisas realizadas por Charles Richet e todos os demais pesquisadores do final do século XIX e início do século XX – e fazer de si mesmo a “co-baia” de suas próprias investigações (algo aparentemente inimaginável para um metapsiquista). Trata-se, nesse sentido, da diferença entre aquele “sujeito” que faz pesquisa *com* o ectoplasma, na condição de ser, ele próprio, um ectoplasta (e, portanto, seu próprio “objeto”) e aquele que faz pesquisa *sobre* o ectoplasma e seus doadores (os médiuns ectoplastas)<sup>2</sup>.

---

1 Waldo Vieira e seus colegas conscienciólogos (muitos dos quais são médicos ou psicólogos de formação) consideram as energias ou, mais exatamente, as bioenergias elementos essenciais na promoção e manutenção da saúde física e emocional (D’Andrea, 2000, p. 176).

2 Mais do que isso, o que se evidencia nesse caso é o próprio processo de constituição (ou de invenção) das ciências modernas, onde a separação entre um sujeito pesquisador e um objeto pesquisado torna-se um elemento fundamental na medida em que se almeja construir um “fato científico” – fruto de um “processo de objetivação” – separado ou distanciado do sujeito que o fabrica (cf. Stengers, 2002).



Assim, a Conscienciologia (e, em alguma medida, a própria Metapsíquica) aponta para *outras formas possíveis de conhecer, perceber e agir no mundo* que desestabilizam um dos aspectos constitutivos do modo de conhecimento ou da epistemologia que caracteriza a ciência hegemônica, a saber, a separação entre sujeito e objeto de investigação. Digo em alguma medida, no caso da Metapsíquica, porque nela, como vimos, tal distinção de certa forma ainda se mantém presente visto que ela centraliza no(a) médium o foco de suas investigações. No entanto, mesmo na Metapsíquica (e isso se torna ainda mais radical quando olhamos para a Conscienciologia) o sujeito que observa os fenômenos investigados não se coloca, de modo algum, fora da realidade que investiga. Ele, como lembra o metapsiquista Gustave Geley, *participa* daquele ambiente, *afeta* a produção dos fenômenos, e *interage* com todos os seres, forças e substâncias que ali se encontram. Mais do que isso, como sugerem os conscienciólogos, o sujeito pesquisador é, ele próprio, o primeiro e principal objeto de pesquisa. Logo, por exemplo, sua investigação não visa um entendimento sobre o médium ectoplasma ou sobre a substância ectoplasma, mas sim uma compreensão a partir das experiências que se passam nele mesmo, com o seu próprio ectoplasma, suas próprias energias, e que podem, num momento posterior, ser comparadas com as experiências de outros sujeitos. Trata-se, nesse sentido, de um modo de conhecer que se baseia, acima de tudo, na ideia de *intersubjetividade compartilhada* e no *engajamento criativo* do pesquisador na realidade investigada.

Síntese criativa do pensamento e da terapêutica de Franz Mesmer com as ideias e as experiências Metapsíquicas de Charles Richet, a Conscienciologia, por um lado, defende, tal como fizera o famoso médico e magnetizador alemão do século XVIII, a existência de um “fluido magnético” universal, de propriedades terapêuticas, encontrado na natureza e responsável por equilibrar a saúde dos seres vivos (cf. Chiesa, 2016). Por outro lado, propõe que analisemos os chamados “fenômenos inabituais” de maneira científica e racional, utilizando uma terminologia própria<sup>3</sup> e fazendo uso de todos os instrumentos, técnicas e metodologias que a ciência pode nos oferecer. Tais aspectos caracterizam com perfeição o esforço de Waldo Vieira e de seus colegas pesquisadores para tornar a Conscienciologia uma (neo)ciência de consequências morais, éticas, filosóficas e, também, terapêuticas.

---

3 Tanto Richet quanto Vieira tiveram a preocupação de elaborar uma série de novos conceitos, definições e terminologias próprios que fossem capazes de descrever da melhor maneira possível o conjunto de fenômenos vivenciados direta ou indiretamente por ambos. No caso específico da Conscienciologia, esse trabalho resultou no impressionante *Dicionário de Neologismos da Conscienciologia* (Vieira, 2014), com 920 páginas e mais de 14 mil termos criados por Vieira com a finalidade de fornecer uma linguagem “mais científica”, ou seja, “asséptica, precisa e universal” (D’Andrea, 2000, p. 195), à Conscienciologia. Tal empreendimento, no entanto, parece ter contribuído para “fechar” o grupo e o diferenciar em relação aos sistemas religiosos, esotéricos e à ciência dominante (ibid.).

## REFERÊNCIAS

- AKSAKOF, Alexander. 1979[1895]. *Um Caso de Desmaterialização*. Rio de Janeiro: FEB.
- CHIESA, Gustavo. 2016. *Além do que se vê: magnetismos, ectoplasmas e paracirurgias*. Porto Alegre: Multifoco.
- CRAWFORD, William. 1919. *Experiments in Psychical Science*. New York: E.P. Dutton.
- CROOKES, William. 1971. *Fatos Espíritos*. Rio de Janeiro: FEB.
- D'ANDREA, Anthony. 2000. *O self perfeito e a nova era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais*. São Paulo: Loyola.
- GELEY, Gustave. 1924. *L'ectoplasmie et la clairvoyance*. Paris: Alcan.
- INGOLD, Tim. 2010. "Da transmissão de representações à educação da atenção". *Educação*, v. 33, n. 1, p. 6-25.
- LACHAPELLE, Sofia. 2005. "Attempting Science: the creation and early development of the Institut Métapsychique International in Paris". *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 41, n. 1, p. 1-24.
- LANTIER, Jacques. 1971. *O Espiritismo*. Lisboa: Edições 70.
- LOMBROSO, Cesare. 1975[1909]. *Hipnotismo e Mediunidade*. Rio de Janeiro: FEB.
- MAGALHÃES, Samuel. 2007. *Charles Richet: o apóstolo da Ciência e o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB.
- MUNARI, Luciano. 2008. *Ectoplasma: descobertas de um médico psiquiatra*. Limeira: Editora do Conhecimento.
- PALHANO Jr., Lamartine. 1996. *Experimentações Mediúnicas*. Rio de Janeiro: CELD.
- RICHET, Charles. 1906. *Les phenomenes de matérialisation de la Villa Carmen*. Paris: Bureaux des Annales des Sciences Psychiques.
- \_\_\_\_\_. 1922. *Traité de métapsychique*. Paris: Alcan.
- STENGERS, Isabelle. 2002. *A invenção das ciências modernas*. São Paulo: Editora 34.
- VIEIRA, Waldo. 2008[1986]. *Projeciologia: panorama das experiências consciência fora do corpo humano*. Foz do Iguaçu: Editares.
- \_\_\_\_\_. 2014. *Dicionário de Neologismos da Conscienciologia*. Foz do Iguaçu: Editares.

**Gustavo Ruiz Chiesa** é doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e professor adjunto na Universidade Federal do Pampa.